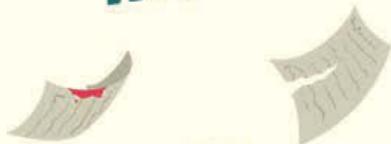


Jane
Austen
INVESTIGA



Uma

Herança Fatal



«Excepcional.
O policial de Austen
pelo qual sinto
que esperei a vida
inteira! Adorei.»

Sophie Irwin

«Engenhoso e inteligente.
Jane Austen é uma detetive formidável.»

Ian Moore

JESSICA BULL

TOP
SEL
LER

Para a minha mãe, o meu pai e a minha irmã, Kelly,
porque:

«Há poucas pessoas que eu realmente ame, e ainda
menos de quem pense bem.»

Jane Austen, 1813

Uma jovem que não encontra suficiente variedade de companhia na sua própria aldeia, deve procurá-la fora. A autora, por conseguinte, apresenta humildemente a melhor sociedade de todo o East Kent.

Em Rowling Manor:

Sr. Edward «Neddy» Austen, mais tarde Knight (n. 1767): terceiro filho do Reverendo George Austen (n. 1731) e sua esposa, Cassandra Austen, nome de solteira, Leigh (n. 1739). Adotado por primos afastados, os Knights de Godmersham Park

Sra. Elizabeth Austen, nome de solteira, Bridges (n. 1773): mulher de Neddy, filha de Sir Brook Bridges, terceiro baronete (n. 1733, m. 1791)

Menina Frances-Catherine «Fanny» (n. 1793), «Master» Edward «Ted» (n. 1794) e «Master» George-Thomas («Pequeno Georgy») (n. 1795) Austen, mais tarde Knight: os descendentes de Neddy e Elizabeth

Conker (n. 1793): o seu cão

Menina Jane Austen (n. 1775): irmã de Neddy, uma jovem senhora de pouca experiência e nenhuma importância

Em Godmersham Park e no Presbitério de Crundale, nas proximidades:

Sra. Catherine Knight, nome de solteira Knatchbull (n. 1753):
mãe adotiva de Neddy, viúva de Thomas Knight II (n. 1735,
m. 1794)

Princesa Eleanor (n. circa 1775-80): enigmática hóspede da
Sra. Knight

Reverendo Samuel Blackall (n. 1762): clérigo da Sra. Knight,
o mais proeminente exorcista de Kent

Em Goodnestone House (pronunciado «Gunston»):

Sir Brook-William Bridges, quarto baronete (n. 1761): o
irmão mais velho de Elizabeth, dono da propriedade de
Goodnestone

Menina Henrietta Bridges (n. 1768): irmã mais velha de
Elizabeth, solteira, proprietária de uma coleção excessiva-
mente piegas de partituras

Sr. Brook-Edward Bridges (n. 1779): irmão mais novo, sol-
teiro, de Elizabeth. Uma pena, tantos irmãos jazerem, ou
melhor, erguerem-se, entre ele a magnífica Goodnestone
House.

Capítulo Um

Kent, Inglaterra, 8 de junho de 1797



Na escassamente iluminada sala de jantar da estalagem Bull & George, em Dartford, Jane retorce as mãos e caminha para trás e para diante. São necessários treze passos para percorrer o espaço estreito entre as mesas de cavalete encostadas às janelas de sacada e o recesso da lareira, ao fundo da sala cheia de fumo. A distância não é suficiente para dispersar a energia nervosa dos seus membros, forçando-a a dar meia volta e recomeçar. Molhos de lúpulo seco suspensos de traves carcomidas roçam-lhe a testa quando passa. As flores estaladiças partem-se de encontro à sua touca, e as pétalas desfeitas salpicam os ombros da sua peliça castanha.

— Mal posso acreditar que isto aconteceu. — Jane apoia a testa no vidro manchado.

Lá fora, a estrada iluminada pelo luar está deserta. O seu estômago aperta-se à ideia de o pai e o irmão terem sido obrigados a aventurar-se naquela região inóspita. À exceção dos mais intrépidos dos viajantes, todos têm a prudência de concluir as suas viagens por alturas do pôr do Sol. Não é segredo que há salteadores naquele trecho de estrada.

— Por favor, tenta permanecer calma. — A Sra. Austen está sentada num banco corrido com costas, por baixo da janela, cingindo a capa de lã bem em volta dos ombros estreitos.

Ao contrário da filha, tirou a touca e equilibra-a sobre o joelho enquanto espreme a fita entre os dedos.

— Calma? — A voz de Jane é aguda. — As minhas irmãs desapareceram, mãe. Roubadas. Abduzidas. Podem estar em qualquer sítio neste momento. Quem sabe em que mãos infames podem cair? Ouviu o que disse o estalajadeiro. A carruagem dirige-se a Gravesend, pois o destino dos seus passageiros é um navio para as Índias Ocidentais. Estarão perdidas para sempre, arruinadas!

A Sra. Austen cerra os lábios.

— Precisas de ser tão melodramática, Jane? O teu pai e o Neddy começaram a persegui-los a cavalo assim que demos conta do engano. De certeza que os apanharão após algumas milhas. Muito em breve terás o teu manuscrito de volta.

Jane pousa a mão na base do pescoço e engole em seco. As *Irmãs* são a sua última composição. Como tudo o resto na sua mesa de escrita portátil, correm o risco de cruzar o Atlântico se o pai e o irmão não as recuperarem a tempo.

— Santo Deus, e se o cocheiro, tomando o pai e o Neddy por saltadores, disparar a pistola contra eles? Podem ser mortos!

— Deixa de ser ridícula. Senta-te imediatamente e toma um gole de brande. — A Sra. Austen agita a sua bebida no copo de lata. — É muito bom. Recorda-me o que a tua prima Eliza nos costumava enviar de França.

— Avizinham-se tempos negros — grita um velho esfarrapado do outro lado da sala, sobressaltando violentamente Jane e a mãe. É o único cliente da estalagem além delas. Até agora tem estado sentado em silêncio, aquecendo os ossos antigos junto ao lume quase extinto, com um cachimbo de barro entre os dentes. — O Dia do Juízo deve estar próximo, se uma alma honesta não pode passar uma viagem em paz. Decidi vir pela estrada, visto que o mar se revolta contra todos os que nele naveguem. Ainda não há cinco noites que um navio se afundou ao largo da costa de Harty.

Jane cerra os olhos firmemente, tentando bloquear as divagações do velho. O fedor a tabaco aperta-lhe a garganta, ameaçando asfixiá-la.

— Eu devia ter tido mais cuidado com a minha escrivainha portátil. Onde é que tinha a cabeça, para deixar que a amarrassem ao teto da carruagem, quando podia tê-la lá dentro comigo? Dessa forma nunca teria sido confundida com a bagagem dos outros passageiros.

— A tripulação andava a tramar alguma coisa, acho eu. — O velho coça a barba da cor do aço e prossegue o monólogo sem sentido. — Ninguém navega daquela forma numa tempestade. A menos que estejam a tentar escapar ao pagamento das obrigações. Só Deus sabe o que o capitão viu naquelas ondas para o fazer dar uma volta tão apertada sem sequer preparar as velas. A não ser que fosse o seu próprio destino a precipitar-se para ele.

A Sra. Austen vira o corpo esguio na direção da filha.

— Jane, sei que a tua escrita é importante para ti. Cada vez mais ao longo do último ano, desde o teu desapontamento com...

Jane fecha os punhos ao lado do corpo.

— Se pronunciar simplesmente o seu nome, mãe, entro em combustão aqui mesmo. — Porque é que os pais insistiam em associar qualquer ligeira alteração no seu estado de espírito a algum doloroso ressentimento pela perda do seu antigo pretendente? Ela sabe que agiu corretamente ao recusar a insípida proposta do Sr. Lefroy, especialmente em face de tão violentas objeções dos seus parentes. Casar sem a bênção do seu tio-avô e patrono prejudicaria o futuro de ambos, por mais que gostassem um do outro. Era muito natural que ela desejasse que as circunstâncias tivessem sido diferentes — ou que, com o tempo, isso viesse a acontecer. Desde a partida de Tom que tem feito os possíveis para cumprir as suas obrigações perante Deus e a sua família, tentando encontrar consolo nas suas composições. Não tem culpa que o seu batimento cardíaco tropece, por vezes, em si

mesmo, quando passa por um estranho de cabelos claros na rua, devido à possibilidade improvável de que *possa* ser ele.

— Como eu estava a dizer, sei que o teu trabalho é importante para ti, mas não pagarei um bilhete de carruagem a mais para a tua mesa de escrita portátil. Ficaria perfeitamente segura no telhado com o teu baú e o resto da nossa bagagem. — A Sra. Austen cruza os braços no peito plano.

— Mas não ficou, pois não? Porque enquanto estávamos ocupados a matar saudades do Neddy, todos os meus pertences foram desviados para as Índias Ocidentais. A mãe não compreende. Tudo o que mais estimo está trancado naquela caixa. Não é só *As Irmãs*. As minhas únicas cópias de *Catherine* e *Primeiras Impressões* estão lá também.

O velho segura o cabo da sua bengala de avelaneira com a mão encarquilhada e bate com a ponta na lareira de pedra.

— Andou para ali aos trambolhões, como se não passasse de um brinquedo. O mastro foi o que se partiu primeiro. Partido ao meio, como uma palha. Ouvíamos os gritos dos marinheiros. Mas não podemos fazer nada quando o mar decide que nos quer fazer dele.

A Sra. Austen vira os joelhos para a janela, voltando as costas ao hóspede tagarela.

— Mesmo que o pior aconteça e não consigamos recuperar a tua bagagem, podes sempre voltar a escrever essas composições. São criações tuas, nascidas da tua própria cabeça. Passaste tanto tempo trancada no teu quarto de vestir, curvada sobre elas, que neste momento cada uma das suas palavras deve estar gravada na tua memória. E se fosses forçada a reescrevê-las, provavelmente resultariam ainda melhores.

— Reescrevê-las? — gagueja Jane, indignada com a forma como a mãe desvaloriza o seu trabalho. Passou os últimos dezoito meses a labutar sobre cada palavra, deliberando cada frase, escrevendo e reescrevendo cada parágrafo das suas composições até os rascunhos estarem tão perfeitos quanto seria possível que

mãos humanas fizessem. *Catherine* e *Primeiras Impressões* eram romances completos. Eram ambos mais longos e mais sérios e, ela quase diria, muito superiores a qualquer coisa que tivesse tentado na sua juventude. Os seus trabalhos anteriores eram frivolidades de rapariga, meras peças humorísticas para passar o tempo e divertir a família. Embora só recentemente tenha começado a trabalhar em *As Irmãs*, espera que seja a sua mais completa delineação da natureza humana até agora.

— Onde arranjaria tempo para isso, dado que me comprometi a ser criada da prole do Neddy durante o verão?

A Sra. Austen semicerra os olhos.

— A escolha foi tua, Jane. Ofereceste-te para ir para Rowling no lugar da Cassandra.

— Como podia não o fazer? — Jane reprime as lágrimas, virando a cara para a janela. A Sra. Austen está refletida no vidro, pestanejando para o regaço.

Ainda não passou uma lua inteira desde que o navio do noivo de Cassandra voltou a Falmouth e, em vez de trazer o seu amado Sr. Fowle em segurança para casa, trouxe a notícia do seu trágico falecimento. Pobre Sr. Fowle. Mal chegara a San Domingo quando tombou vítima de febre-amarela. Durante todos esses meses a irmã de Jane costurara alegremente o seu enxoval e apontara as receitas da mãe no seu livro de economia doméstica, enquanto o corpo sem vida do noivo era arrastado pelas ondas depois de um funeral no mar. Num ápice, a notícia extinguiu o temperamento entusiástico de Cassandra, afundando para sempre o seu otimismo natural sob o peso do luto.

E então Jane ofereceu-se para ir a Rowling e ajudar a mulher de Neddy, Elizabeth, no nascimento do quarto filho. Cassandra estivera presente no nascimento dos três mais velhos. Antes da notícia da tragédia, Elizabeth escrevera a dizer que queria muito que Cassandra se lhe reunisse novamente, pois ficaria perdida sem a sua ajuda. Infelizmente, desta vez teria de se desvenenhar apenas com Jane a guiá-la. Tolhida pela dor, Cassandra

permanece em Hampshire com o irmão mais velho, James, ambos igualmente inconsoláveis na sua dor. O Sr. Fowle era, não só o noivo de Cassandra, mas também o melhor amigo do irmão e muito apreciado por toda a família Austen. A mulher de James prometera cuidar bem dele e de Cassandra enquanto os pais de Jane a acompanhavam a Dartford, ao encontro de Neddy. Mary Lloyd, ou melhor, a Sra. James Austen (já passaram vários meses do casamento mas Jane ainda tem de se corrigir), também está de esperanças. Dada a sua condição, Jane espera que Mary se lembre de cuidar também de si.

Para Jane, o Sr. Fowle já era como um irmão honorário e não apenas mais um dos muitos rapazes da escola que tinham crescido ao lado dela na Reitoria de Steventon. Imagina as suas feições sorridentes quando, em rapaz, cheio de paciência, as ensinava, a ela e a Cassandra, a balançar um taco de críquete e a aparar os lançamentos implacáveis do irmão delas sem partir todos os dedos. Um nó doloroso forma-se-lhe na garganta à ideia desse mesmo rosto bonito a esfacelar-se até ficar totalmente destruído no mar das Caraíbas.

Toda a gente felicita Jane pelo seu altruísmo ao oferecer-se para ajudar a cunhada. Não sabem que vai porque não suporta assistir à agonia de Cassandra. Os soluços da irmã são uma adaga no seu próprio coração. Se Cassandra pode ser desfeita pelo amor, que possibilidades tem Jane, que se deixa abater muito mais facilmente? Só um louco arriscaria entregar-se a esperanças de felicidade duradoura depois de testemunhar em primeira mão a agonia de ter as suas expectativas tão cruelmente desfeitas.

O velho respira asperamente, arrancando Jane das suas cogitações.

— Cada uma daquelas pobres almas pereceu naquela noite. Toda a tripulação se afogou. Deviam ser pelo menos vinte homens, a bordo de um barco daqueles. Se o capitão tivesse sobrevivido, estaria agora a braços com a justiça... e com uma corda em volta do pescoço.

A triste história reforça ainda mais a melancolia de Jane pelo destino do Sr. Fowle. Inclina a cabeça na direção da grossa trave de carvalho diante da lareira e murmura muito baixinho.

— Quem me dera que ele parasse com aquele chinfrim.

— Eu também. — A Sra. Austen remexe-se no seu assento.

— As suas profecias de desgraça não estão a ajudar nada.

A porta da frente abre-se e uma rajada de ar frio penetra na sala, apagando a lareira e lançando o velho nas trevas. Neddy avança direito a Jane. Os seus caracóis dourados fluem sobre o colarinho do seu fraque de veludo azul e o seu rosto bem-humorado brilha no escuro.

— Temo-la! — Segura uma caixa de mogno junto do peito como se esta não pesasse mais do que uma folha de papel. — O cocheiro pediu muita desculpa pela confusão. O pai e o estalajadeiro têm o teu baú, mas achei que querias isto imediatamente. — Pousa a escrivaninha portátil em cima da mesa.

O alívio inunda Jane enquanto procura no bolso a minúscula chave de bronze. Quando destranca a tampa e a abre, a caixa transforma-se num plano inclinado para escrever, revestido de couro verde. Ela prende um dedo num puxador de bronze e levanta uma secção para revelar um pequeno compartimento. Lá dentro, em segurança, está *As Irmãs*; os primeiros esboços das meninas Dashwood estão contidos dentro nas cartas que escrevem uma para a outra. Cartas que Jane compôs amorosamente como o início da sua nova história. Os seus ombros descaem finalmente e todo o seu corpo fica flácido.

Perder a sua mesa de escrita e todo o trabalho que esta continha seria um péssimo presságio para a sua viagem. Dado que Jane nunca antes se aventurara para mais longe de casa do que East Kent e nunca viajara para lado nenhum sem Cassandra ao lado, está extremamente insegura em relação à forma como vai enfrentar os dias e semanas à sua frente. Não pode alegar qualquer inclinação natural para estar presente no nascimento do seu mais recente sobrinho ou sobrinha, e confiarem-lhe a segurança

da cunhada durante o parto é uma perspectiva assustadora. Por muito agonizante que fosse testemunhar o sofrimento de Cassandra, estar separada da sua amada irmã trará também, sem dúvida, o seu próprio tormento. Porém, tem a certeza de conseguir suportar qualquer provação, desde que as suas personagens estejam ao seu lado.

Capítulo Dois



As cenouras-bravas enfunadas pela brisa acompanham a viagem de Jane pela zona rural de Kent no faetonte de Neddy. Desde a sua posição privilegiada nos bancos elevados da carruagem aberta, vê o Jardim de Inglaterra estender-se diante de si. Sugerira tomar a carruagem do correio a partir de Dartford, para não obrigar Neddy a ir buscá-la, mas o pai e o irmão opuseram-se à ideia de ela viajar sem acompanhante. Dada a sua inexperiência como viajante solitária, estavam provavelmente certos ao exagerar nas precauções. Com tanta proteção familiar, ficaria retida em Kent até que um dos seus parentes masculinos se dignasse ir buscá-la.

O Capitão Henry Austen, recém comissionado, ofereceu-se para prestar as honras. Tendo-se licenciado no St. John's College, de Oxford, Henry preparava-se para ser ordenado. Contudo, com a guerra a assolar a Europa e as Índias Ocidentais, e a ameaça francesa de nova invasão do outro lado do Canal a qualquer momento, conseguiu ao invés um cargo de tesoureiro adjunto na guarda nacional de Oxfordshire. É decerto mais lucrativo do que um vicariato. Espera obter uma licença em meados de Agosto, um mês depois do nascimento previsto do bebé de Elizabeth. O seu regimento está estacionado em East Anglia e ele escreve que está ansioso por visitar os seus amigos em Kent antes de continuar a viagem para casa, no Hampshire. Porém, visto que

ser confiável nunca foi o ponto forte de Henry, Jane hesita em dar muito crédito à sua promessa.

Enquanto percorrem as estradas rurais, encasuladas de ambos os lados por sebes imponentes, Jane reflete na ligeira disparidade daquela região com a sua Hampshire natal. O terreno plano alarga o céu azul por cima deles, e as pontas cónicas dos edifícios dos fornos de secagem do lúpulo espreitam sobre encostas verdejantes em quase todos os cruzamentos. De poucas em poucas milhas, a filha de um agricultor surge à beira da estrada, vendendo cestinhos de cerejas ou morangos acabados de colher. Jane já provou de ambos, deliciando-se com o sabor doce mas intenso da fruta bem madura.

— A tua carruagem é muito elegante — diz ela, procurando uma forma de envolver Neddy numa conversa. Apesar da sua bonomia, Jane tem uma profunda consciência da distância entre eles. Não era tão notória quando os pais estavam presentes, mas desde que ela e Neddy tinham ficado sozinhos, não podia deixar de se sentir constrangida e insegura. Ele parece não perceber metade das suas piadas, e ela é demasiado tímida para o provocar como faria com os outros irmãos.

Neddy sorri, muito satisfeito com o elogio.

— A Beth preferia uma carruagem fechada. Embora admita que tal veículo pode ser mais digno para uma família, um faetonte é concebido para a velocidade. Talvez lhe ofereça uma caleche no próximo ano, se as minhas receitas forem como antecipo. Vou precisar de contratar um cocheiro particular, é óbvio, e adquirir mais uma parelha de cavalos de carruagem. É difícil encontrar um par que combine bem. Sessenta guinéus, custaram-me estas duas. Mas, assim que as vi, percebi que *tinham* de ser minhas.

— Não duvido. — Jane sorri, segurando com força a copa do seu chapéu de palha para evitar que fuja com o vento. As éguas elegantes erguem os seus cascos delicados em unísono, agitando as caudas entrançadas. Não menciona que, desde que o Parlamento introduziu um novo imposto sobre as carruagens para

financiar o esforço de guerra, o Sr. Austen teve de vender o seu veículo, deixando a família dependente da generosidade dos vizinhos sempre que precisava de transporte. Neddy fora criado num mundo diferente do dela: não valia a pena fazer comparações.

Jane tinha apenas 3 anos quando o senhor e a senhora Knight visitaram a reitoria de Steventon, durante a digressão nupcial de visita às suas várias propriedades. A antecipação da sua chegada está gravada na mente dela devido ao invulgarmente severo aviso que ela e todas as crianças tinham recebido do Sr. Austen para se portarem muito bem durante a visita do seu primo e benfeitor. Foi o pai do Sr. Knight que, tendo ficado invulgarmente rico pelo simples facto de sobreviver a vários dos seus parentes abastados e sem filhos, concedeu ao recém-casado Sr. Austen os rendimentos de Steventon e Deane. Os dízimos combinados forneciam uma receita de pouco mais de duzentas libras por ano, permitindo à família de Jane a ténue aquisição da respeitabilidade de que desfrutavam há três décadas.

Quando o ofuscante duo finalmente chegou numa carruagem de seis cavalos, todas as crianças ficaram tontas de excitação. O Sr. Knight cheirava a bombons de limão, que distribuiu prodigamente, e a sua linda noiva, quase vinte anos mais nova do que ele, usava um enorme chapéu de abas largas adornado com penas de avestruz. Os pais de Jane ficaram claramente aliviados quando, ao preparar-se para partir, o casal se mostrou tão encantado com a família que convidou um dos rapazes mais velhos a acompanhá-los na viagem. James preparava-se para ir para Oxford. Georgy, com as suas várias maleitas, nunca esteve em cogitação. Henry já demonstrara ser demasiado propenso a sarilhos para lhe confiarem a responsabilidade de representar a família inteira. Restava Neddy, de 11 anos, geralmente elogiado como o mais bonito e afável filho dos Austens.

De facto, Neddy portou-se tão bem que, quando os Knights concluíram a sua viagem e regressaram à magnífica casa de Godmersham Park, em Kent, convidavam regularmente o seu

jovem favorito para passar longos períodos com eles. A mãe de Jane explicou que, não tendo os Knights ainda sido abençoados com filhos, era uma questão de caridade deixarem-nos levar Neddy emprestado de tempos a tempos. Quatro anos depois, o Sr. Knight deve ter concluído que aquela união permaneceria sem filhos, e não desejava nada que não fosse um herdeiro. Então perguntou se podia ficar com Neddy para sempre.

O cocheiro de Godmersham viajou com a mensagem, juntamente com um elegante pônei baio amarrado ao seu cavalo. No início, o Sr. Austen vacilou à ideia de entregar o filho para adoção. Foi a Sra. Austen, com o seu eminente pragmatismo, que teve a clarividência de aconselhar o marido:

— Julgo, meu querido, que seria melhor fazer a vontade aos teus primos, e deixar o menino ir.

Jane permaneceu à porta da reitoria com os restantes irmãos, tentando desesperadamente reprimir as lágrimas ao ver Neddy montar o seu novo pônei e despedir-se da família. A partir do momento em que Neddy foi viver com os Knights, estes educaram-no ao estilo de alguém que se esperava viesse a ser um cavalheiro de grande fortuna. Fiéis à sua palavra, Neddy é agora herdeiro da viúva do Sr. Knight, cujas propriedades combinadas a Sra. Austen estima que valham oito mil libras por ano, e a sua mulher, Elizabeth, é filha de um baronete.

A decisão provou-se astuciosa também para as perspetivas da família Austen alargada. Apesar da generosidade do patrono do Sr. Austen e das entusiásticas tentativas deste de complementar os rendimentos cultivando as suas terras eclesiásticas e gerindo uma escola para rapazes, o pai de Jane queixa-se de que os seus depósitos anuais no banco nunca excedem os levantamentos. Não ter de fornecer a quota de Neddy permitiu ao Sr. Austen mais liberdade para assegurar o futuro dos restantes filhos. James e Henry alegraram-se ao reclamar vagas gratuitas como descendentes de um fundador do St. John's College, ambos com ideia de seguir as pisadas eclesiásticas do pai, mas Frank decidiu

tornar-se oficial da marinha. E, tal como Frank estava determinado a ganhar a sua fortuna no mar, o mesmo acontecia com o rapaz Austen mais jovem, Charles, que sempre idolatrara o seu audaz irmão mais velho. Visto o Sr. Austen não ter conexões no Almirantado que oferecessem aos rapazes uma posição a bordo de um navio, pagou as 50 libras anuais necessárias para enviar ambos para a Academia Naval Real, em Portsmouth. Ter-lhe-ia sido impossível apoiar as ambições dos filhos se fosse responsável pelo lançamento da carreira de ainda mais um.

Mais significativamente, a adoção de Neddy forneceu uma garantia de conforto futuro. Ele podia ainda não estar de posse da sua fortuna, mas a família já aprendera a contar com ela. A expectativa da sua riqueza, combinada com a sua boa índole, dá ao pai de Jane a paz de espírito de saber que a sua mulher e filhas, para não mencionar o seu filho mais vulnerável, Georgy, continuarão a ser sustentados mesmo depois da sua partida. Quanto a Georgy, que sofre de ataques e é mudo, nunca será capaz de percorrer o seu próprio caminho no mundo e, enquanto jovens senhoras de categoria pouco elevada, a única opção de melhoria para Jane e Cassandra é casarem bem.

Durante algum tempo depois de Neddy ter sido levado de Steventon, Jane perguntou-se se ela e o resto das crianças Austen podiam também ser adotadas pelos parentes mais ricos. Por direito, o seu tio James Leigh-Perrot teria sido a sua primeira escolha, pois também ele não tinha filhos e possuía grande propensão para herdar legados. Contudo, Jane suspeitava de que seria mais feliz com a sua frívola tia falecida, Philadelphia Hancock. Embora a abordagem caótica da tia Phila significasse que todo o dinheiro que o seu marido, o Sr. Hancock, ganhava como cirurgião da Companhia das Índias Orientais nunca esticava muito, tinha uma inclinação para fazer amigos extraordinariamente generosos. Vários anos depois do seu casamento, enquanto a tia Phila vivia em Bengala, tornara-se favorita do grande Warren Hastings. Quando Eliza, a prima de Jane, nasceu, menos de um

ano mais tarde, o Sr. Hastings aceitou magnanimamente ser seu padrinho e até lhe concedeu uma fortuna pessoal de 10 mil libras. Como a vida de Jane podia ter sido diferente, se fosse uma mulher de recursos independentes! Para começar, teria podido casar com Tom.

Neddy interrompe o seu estado sonhador acenando entusiasmamente a um pastor que, à distância, está encostado ao seu cajado.

— Chegaremos a Rowling num instante. — A mansão histórica onde Neddy atualmente reside faz parte da propriedade de Goodnestone, pertença da família de Elizabeth (e que a família Bridges pronuncia «Gunston», estando a sua reivindicação à terra tão bem estabelecida que dispensam sílabas extra). — Estes campos são meus. A casa veio com cem acres, mas arrendei mais duzentos a Sir William no dia da Anunciação. Felizmente para mim, o baronete tem pouco interesse na agricultura. Está disposto a arrendar tudo com a promessa de um bom rendimento.

Enquanto Jane admira as cabriolas das ovelhas recentemente tosquiadas, parecendo vestir meias e camisas de noite, pergunta-se se o entusiasmo de Neddy em provar as suas credenciais como rendeiro tem o fim de assegurar à Sra. Knight que está preparado para a enorme responsabilidade que esta um dia lhe legará. Lembra-se de que ele podia estar à espera de herdar uma parte da fortuna do pai adotivo imediatamente após a morte deste, em vez de ter de aguardar o falecimento da sua viúva. A transferência de qualquer das três propriedades maiores (Steventon e Chawton, no Hampshire, ou Godmersham em Kent) tê-lo-iam tornado um importante proprietário de terras: as três juntas, colocá-lo-iam ao nível de um duque.

— Que maravilhoso. O pai vai pedir-me que lhe relate cada pormenor, por isso deves contar-me tudo o que puderes.

— O meu rebanho é de uma raça diferente dos de Steventon, com focinho mais escuro e sem chifres. Suponho que não notaste?

A lã de Cantuária é a mais fina do mundo. Podia fazer uma boa quantia com o seu velo no Continente, não fossem os execráveis impostos sobre as exportações.

— Não imaginava encontrar-me em companhia tão esclarecida. Posso pedir para ser apresentada a cada uma das tuas ovelhas? Diz-lhes que estou ansiosa por conhecê-las.

A gargalhada de Neddy sobrepõe-se ao estalido das rodas da carruagem.

— Estou tão contente por estares aqui. A Beth e as crianças ficaram deliciadas quando te ofereceste para vir.

— E eu estou muito contente por estar aqui. — Jane baixa o queixo para o peito, tentando evitar que a pele fique ainda mais irritada pelo vento e queimada pelo sol do que já estava. As pontas dos seus botins espreitam por baixo da bainha do vestido. Sob a luz forte, vê as biqueiras esfoladas e o couro gasto. Gostaria de se ter lembrado de pedir à nova criada que lhas engraxasse antes de sair. Sally, a criada anterior, tê-lo-ia feito sem ser preciso pedir-lhe. Infelizmente, Sally trocara os Austens por um casamento e uma casa própria, e a rapariga robusta para todo o serviço que a mãe de Jane contratara para a substituir parece ofendida quando lhe pedem para fazer seja o que for.

Neddy estala o chicote por cima das garupas das éguas.

— Vou pô-las a galope, não achas? A ver se consigo ir tão depressa como quando te embrulhava num lençol e te rebocava pelas escadas da reitoria abaixo.

O movimento atira o corpo de Jane para trás. Ela segura o cotovelo de Neddy e, meio rindo, meio gritando, recorda as suas brincadeiras rudes. Passaram-se demasiados anos desde que os irmãos estiveram, de facto, algum tempo juntos, e ela tem sentido muito a falta dele. Será gratificante passar algumas semanas a conhecê-lo melhor, assim como à sua jovem família. Talvez seja capaz de preencher o abismo entre eles e, pelo fim do verão, Neddy lhe seja tão familiar como qualquer dos outros irmãos. E, numa perspectiva mais egoísta, com o seu próprio quarto na

confortável casa de Neddy e sem a distração das suas habituais tarefas domésticas, talvez possa realizar um bom progresso com *As Irmãs*.

Rowling Manor fica no seu próprio parque bem cuidado, no final de um longo e serpenteante caminho de acesso. Elegantes chaminés de tijolo vermelho elevam-se do telhado inclinado, brilhando sob o sol da tarde, e rosas de um tom pálido crescem por toda a fachada, perfumando o ar com o mais doce aroma floral. Há uma ala extra, bastante grande para acomodar um cozinheiro, um laçao e duas criadas de quartos, assim como uma cocheira e estábulos separados. Nas suas cartas, Neddy descrevia-a como uma «casa de família de bom tamanho». Jane é forçada a concordar: é deliciosamente cavernosa.

A carruagem detém-se e Elizabeth espreita por trás da porta preta envernizada. Com 24 anos, a cunhada de Jane é apenas três anos mais velha do que ela, mas as rugas finas em torno dos seus olhos negros revelam que envelheceu no curto período desde que se casou. É magra, com um pescoço longo que lhe dá a aparência de um cisne excessivamente curioso. O seu vestido de cintura subida oculta-lhe a gravidez, porém, quando se vira de lado e a enorme barriga fica à mostra parece espantoso ainda não ter dado à luz.

— Edward, onde tens estado? Esperava-te em casa ontem. Não leva quatro noites chegar a Darford e voltar.

— Bem, já estou aqui, querida. Não te preocupes. — Neddy salta da carruagem, oferecendo a mão a Jane assim que as solas das suas botas batem na gravilha. Jane aceita-a e faz o seu melhor para descer graciosamente sob o escrutínio da cunhada. Elizabeth frequentara uma escola assustadoramente cara para jovens senhoras em Londres, que ela se gaba de possuir uma carruagem desativada com o fim expresso de instruir as suas pupilas na arte de se apearem sem revelarem mais do que o normativo centímetro de meia por cima do tornozelo.

— Jane. — Elizabeth oferece-lhe a bochecha. Jane beija o ar ao seu lado. Há um bebé na anca de Elizabeth, que mira Jane, desconfiado. Outros dois bebés de cabelos dourados espreitam por trás das saias da mãe, enquanto um par de raparigas com vestidos cinzentos, iguais, pairam atrás deles.

— Essa não é a tia Cassy. — A criança mais velha, uma menina de 4 anos, não consegue disfarçar o seu desapontamento enquanto sussurra sonoramente para a mãe. O menino ao seu lado fita Jane com um ar decididamente hostil. Apenas *Conker*, o *spaniel* de manchas brancas e castanhas de Neddy, denuncia algum entusiasmo autêntico pela sua chegada. O cão agita freneticamente a cauda cortada e dá saltos para o ar, tão alto que parece uma marioneta puxada por uma corda invisível.

— Não sejam desconfiados, Fanny, Ted. Nós dissemos que desta vez era a tia *Jane* que vinha. Dissemos, não dissemos? De certeza que a tia Cassy voltará a estar connosco em breve. — Neddy levanta ambas as crianças nos seus braços fortes, apresentando uma de cada vez. Cheiravam a leite fervido e tinham uns caracóis tão macios como a penugem de um pintainho acabado de sair do ovo. Jane tenta beijá-los sem sofrer nenhum ferimento enquanto eles se retorcem e pontapeiam tentando libertar-se. Depois de os depositar em segurança no chão, Neddy tira o bebé do colo de Elizabeth. — E o que é que achas do nosso Georgy? Já é tão robusto como o seu homónimo?

— *Mim ninho Joji?* — palra a criança.

— É verdade, és o pequeno Georgy. — Jane ri-se. — Mas o papá tem razão. Não tarda nada, serás tão grande como o teu tio Georgy. — Estende a mão, acariciando as bochechas rosadas. O pequenino gorgoleja e encolhe o pescoço até este desaparecer dentro de rolinhos de gordura. É um alívio que pelo menos uma das crianças não mostre ressentimento por ela ser a tia errada.

As feições de Elizabeth relaxam quando observa o marido a aninhar uma criança nos braços enquanto as outras duas se lhe penduram nas pernas.

— Vem, vamos instalar-te. — Pousa uma mão fria no fundo das costas de Jane. — Pusemos-te no quarto verde, que dá para o lago. Teremos um jantar sossegado em família, mas tenho muitos planeados para o resto da tua visita. A sociedade de Kent é muito animada, e fiz uma lista de todas as famílias que tenho mesmo de te apresentar.

— Mas não devias incomodar-te — responde Jane. — Estou aqui para te ajudar, não para te dar mais trabalho.

Elizabeth pestaneja para ela.

— Ajudar-me?

— Sim. Então, com o teu... — Jane aponta a figura inchada de Elizabeth —, confinamento. Vou dar comida e banho às crianças, tratar das costuras, fazer recados. O que a Cassy normalmente faz.

Elizabeth aponta as duas jovens que os seguem para casa.

— Temos criadas para esse género de coisas, Jane. Estas são a Susan e a Susan.

— Ambas Susan? — pergunta Jane. A mais alta responde com um encolher de ombros enquanto a mais baixa e mais jovem se limita a fitá-la.

Elizabeth continua:

— E quanto ao meu «confinamento», não sou a Ana Bolena. Não têm de me esconder, sufocada em tapeçarias. Ainda faltam seis semanas para o bebé nascer. Dá-nos muito tempo para te estabeleceres.

— Estabelecer? — Jane transpõe a ombreira para o grande vestíbulo de entrada. Chamas suaves brilham na lareira, apesar do dia temperado de verão. Puxa a pesada fita de renda amarrada debaixo do seu queixo, para tirar o chapéu de palha. Por baixo deste, os seus caracóis castanhos estão húmidos e colados à testa.

— Sim, estabelecida. Entre a nossa sociedade. — Elizabeth pega no chapéu de Jane, entregando-o à criada mais alta como se fosse um trapo sujo. — És irmã do herdeiro de Godmersham. Há por aqui muitos solteiros elegíveis que estarão ávidos de te serem apresentados.

Jane engole a horrível suspeita de que caiu numa armadilha. Parecia ter chegado a Kent sob a expectativa de que viera para assegurar o seu futuro da única maneira que uma senhora respeitável tem ao seu dispor.

— Mas eu esperava um verão tranquilo, convosco e as crianças. E talvez um pouco de tempo para a minha escrita. Trouxe *Catherine* e *Primeiras Impressões* para vos ler ao serão.

— Primeiras quê? — Elizabeth fita-a, confusa.

— *Primeiras Impressões*. É a minha composição mais recente. E espero fazer grandes progressos com a nova, *As Irmãs*, enquanto estou aqui.

— Tinha esperança que te tivesses deixado das tuas esquisitices e fantasias. — Elizabeth põe uma mão na anca. — Bem, lamento, mas não terás tempo para nenhum desses disparates.

— Mas eu... — Jane procura argumentar, mas as palavras secaram-se-lhe na língua. Nem a mãe desvaloriza tanto as suas ambições literárias. Não se atreve a explicar a Elizabeth que, em vez de banir esses pensamentos, está mais determinada do que nunca a ver o seu trabalho impresso.

— Esta é a tua oportunidade de ficares bem estabelecida. Jantamos com a melhor sociedade de todo o East Kent — continua Elizabeth, inconsciente da dor que acaba de infligir. Jane começa a perguntar-se se a noite extra na viagem de Neddy fora uma desculpa para escapar ao autoritarismo de Elizabeth. — Quanto a ouvir-te ler, o Neddy prefere jogos de cartas e eu estou extenuada quando as crianças vão para a cama.

— Não vale a pena. — Neddy apoia-se nas traves de carvalho expostas enquanto descalça as botas. — Quando a minha querida mulher se decide por um curso de ação, digo-te por experiência que é muito mais fácil uma pessoa submeter-se do que resistir.

Elizabeth fica radiante, como se o marido lhe tivesse feito o maior dos elogios.

— Calculo que queiras mudar de vestido. — Passa os olhos pelo vestuário usado de Jane, dando a entender que é melhor

arranjar-se antes de se atrever a comparecer à sua mesa de jantar. — Não te preocupes se não tiveres trazido muita coisa. Pus de parte alguns dos meus vestidos de antes de casar. Imagino que as modas terão mudado completamente antes de eu poder voltar a usá-los. As cinturas serão em volta das orelhas, se não tivermos cuidado.

— Não é necessário. — Jane despe a peliça empoeirada, repentinamente quente e húmida de transpiração. Tenta pendurá-la numa fila de ganchos perto da porta, mas a Susan mais jovem bloqueia-lhe o caminho e tira-lha das mãos antes de lá chegar. Nunca há horas suficientes no dia para dedicar à sua escrita. Não vai desperdiçar um momento do seu precioso tempo a ser apresentada à ideia de Elizabeth do que seja uma companhia divertida. — Não debes incomodar-te comigo. Não tenho o menor desejo de sociedade. De facto, não desejo entreter quaisquer pretendentes neste momento.

— Não é incómodo. Faria o mesmo por qualquer uma das minhas próprias irmãs. E sabemos que tens andado abatida desde a tua decepção com aquele jovem irlandês.

— Ah, sabem? — Jane apoia-se no pilar da escada, imaginando como é que as notícias da sua ligação desafortunada chegaram aos ouvidos da cunhada. — Diz-me, a história circulou na *Kentish Gazette*?

— Não sejas engraçadinha. A tua mãe escreveu a contar-nos. Compreendo que foi um golpe, mas não podes deixar que uma má mão te ponha fora do jogo para sempre.

Jane devia ter percebido. Elizabeth usara exatamente a mesma expressão que a Sra. Austen, que habitualmente se referia ao caso de amor falhado de Jane como a sua «decepção» — como se fosse comparável a uma ceia fria quando ela esperava rosbife. *Sei que é uma decepção, querida, quando esperavas mais. Mas não te preocupes e alimenta-te.*

— Francamente, já passaste tempo suficiente abatida em Steventon — continua Elizabeth. — És uma jovem senhora, Jane, nada feia e com muitos encantos que te recomendem.

Pelo menos, é o que me dizem. Está na altura de apareceres, antes que seja demasiado tarde.

Era evidente que a Sra. Austen incumbira Elizabeth de lhe arranjar um marido enquanto ela estivesse ali. Jane está totalmente decidida a exigir que a levem à estalagem de carruagens mais próxima. Quando se separara dos seus perversos pais, eles estavam a caminho de Deptford, na esperança de assistirem à partida do novo navio de Frank, o *Triton*. Depois de muitas candidaturas sem sucesso ao Almirantado, passara por fim a tenente, a bordo de uma nova fragata, com a ajuda do seu antigo colega de tripulação, o Capitão Gore. Se Jane se apressar, será capaz de os apanhar e insistir em que a levem para casa, no Hampshire. Mas então terá de enfrentar a dor de Cassandra. O seu espírito abate-se ante essa perspectiva. Talvez pudesse, ao invés, ficar a bordo do *Triton*? O capitão Gore podia precisar de uma escriba, e Jane tem fé que a vida marítima seria boa para ela. Não, isso não era boa ideia. Frank está a revelar-se implacável na sua demanda por uma promoção. Era provável que a mandasse chicotear por intrusão.

Como seria de esperar, Jane está completamente de mãos atadas. Fecha os olhos e inspira muito profundamente.

— Aparecer onde, exatamente?

— No mundo, claro. — Elizabeth inclina a cabeça para o lado. — E se queres mesmo ajudar, é a Sra. Knight que pode precisar da tua assistência.

— Porquê? Está doente? — Sempre que os pais inquirirem polidamente quando é que Neddy podia esperar receber a totalidade da sua herança, sendo-lhe então exigido que mudasse o seu nome para «Knight», a fim de assumir a propriedade de Chawton, ele assegura-lhes que a sua benfeitora está de excelente saúde. Embora Jane nunca pudesse desejar que a Sra. Knight adoecesse, tem consciência de que uma espera demasiado longa pela independência pode deixar o irmão amargo e frustrado, como um aspirante de marinha que passou no exame para tenente mas não conseguiu arranjar uma comissão como oficial.

Elizabeth relanceia o marido.

— Não informaste a tua família da situação?

As feições descontraídas de Neddy ficam severas.

— Esperava que estivesse resolvido quando eu regressasse, e que não fosse necessário.

— Resolvido? — diz Elizabeth rispidamente. — Bem, não está. Nem estará, a menos que instruas o teu pai a fazer a petição da Sra. Knight em teu nome. Juro que aquela harpia te vai despojar de toda a tua fortuna.

Jane estremece com a expressão de Elizabeth. Decerto que a sua tão gentil cunhada não pode referir-se à Sra. Knight em termos tão vulgares.

— Quem é que vai despojar o Neddy de toda a sua fortuna?

— Ninguém — responde Neddy, aproximando-se da mulher. — Temos de falar disto agora? As coisas não estão assim tão negras. — Atrás dele, a criada mais alta leva as crianças para fora do vestíbulo enquanto a mais baixa vagueia numa tentativa mal disfarçada de ouvir os mexericos.

— Mas estarão, se não as resolveres. — Elizabeth espeta um dedo no peito do marido. — A Sra. Knight tem uma nova favorita.

— Uma *favorita*? — Jane inspira asperamente. Poderia a Sra. Knight, que tivera tanta facilidade em se apropriar de um filho, dispensá-lo com a mesma prontidão? Se ela decidir, nesta fase avançada, favorecer outra pessoa — alguém da sua própria família, por exemplo — as perspectivas dele estariam arruinadas. Mais do que isso, a almofada em que os pais de Jane confiavam para os proteger na velhice, ser-lhes-ia rudemente arrancada. Neddy não é o único entre os irmãos disposto a sustentar a família alargada, mas pode bem ser o único com meios para o fazer. — Mas o Sr. Knight deixou claro que ela devia legar-te tudo, Neddy. Ele fez uma promessa. A sua viúva não se permitiria abandonar as intenções do falecido marido. Pois não?

Elizabeth põe uma mão na testa, como se estivesse prestes a desmaiar.

— De que vale uma promessa, a menos que esteja legalmente escrita? A propriedade é dela, e pode dispor da mesma como entender. Se o teu irmão não agir rapidamente, Jane, a Sra. Knight pode nomear o seu novo animal de estimação como a senhora de Godmersham Park.

As orelhas de Neddy estão cor-de-rosa. Está claramente mortificado com a franqueza da mulher.

— Estás a ser histérica. Nunca chegaremos a esse ponto.

— Então porque é que ela não expulsa aquela meretriz?

— Porque a pobre rapariga, aparentemente, não tem nada.

— Pobre rapariga? — Elizabeth leva uma mão à barriga distendida e dobra-se pela cintura, como se sofresse uma pontada súbita. — Essa miserável devia ser levada ao reformatório mais próximo e ser chicoteada. Isso fá-la-ia dizer a verdade.

Jane estremece ao ser apanhada por mais uma disputa doméstica. Não está acostumada a isso. Os pais raramente discutem e James não se importa nada de fazer tudo o que Mary quer.

— Quem é essa jovem?

— Não é ninguém. Eu trato do assunto. — James põe um braço em torno da mulher, tentando apaziguá-la. — Para imediatamente com essa conversa. Pensa no bebé. Não pode ser bom para o pequerrucho.

— *Estou* a pensar no bebé. Estou a pensar em todos os teus filhos. Eles é que vão ficar despojados. Tens de fazer alguma coisa, Edward. Ou preferes ver-nos sem um *penny* antes de recordares à tua mãe as suas obrigações para contigo?

Jane pressiona as têmporas, a sua cabeça latejando de confusão.

— É uma sobrinha? Uma prima do seu lado?

Elizabeth respira superficialmente, claramente em esforço.

— Não tem nenhum parentesco com ela. A Sra. Knight, na sua infinita generosidade, convidou uma princesa estrangeira para residir em sua casa.

— Uma princesa? — Jane olha para Neddy, mas ele está demasiado ocupado a tentar conduzir Elizabeth a um banco de madeira para a encarar. Esta história é ridícula. Será que a pressão de carregar tantos filhos de Neddy numa tão rápida sucessão privou Elizabeth do seu juízo? — Decerto que uma princesa não teria necessidade de abusar da hospitalidade da Sra. Knight.

— Ah, mas muito convenientemente, esta princesa em particular foi ostracizada pela sua nobre família. Não tem um único amigo no mundo... tirando a Sra. Knight. E o teu irmão, que é capaz de lhe dar o pão da boca dos seus filhos!

— Basta — exalta-se Neddy, sobressaltando Jane. Ela não se lembra de ele ter levantado a voz em todo o tempo que viveram juntos na reitoria de Steventon. — Minha querida, estás obviamente perturbada. Deixa-me ajudar-te a subir a escada para te deitares. — Vira-se para Jane, numa atitude mais suave, enquanto Elizabeth, ao seu lado, continua a esforçar-se por respirar. — Traz-lhe um chá, está bem?

Jane assente com a cabeça enquanto observa o casal a subir a escadaria Carlos II. De poucos em poucos passos, Elizabeth para e encosta-se às balaustradas elaboradamente esculpidas e protesta contra a inatividade do marido. Jane é assolada por uma terrível sensação de abatimento ao compreender que o seu tempo em Kent não será a estadia relaxante que imaginara. Ao fugir da devastação de Cassandra, entrou diretamente na de Neddy. Se a situação for como Elizabeth insiste, a cunhada tem razão em estar alarmada. Neddy devotou-se a agradar à sua mãe adotiva; seria muito cruel da parte desta trocá-lo por outra pessoa nesta fase tão tardia. Onde é que a Sra. Knight tinha a cabeça, convertendo-se na presa de uma provável caçadora de fortunas? E o que é que Jane podia fazer para a libertar das garras da megera?

Capítulo Três



Na manhã seguinte, Jane acorda do seu sono inquieto determinada a encontrar o irmão sozinho e arrancar-lhe a verdade sobre o desaparego da Sra. Knight em relação a ele. Não se atreve a pedir mais pormenores a Elizabeth, temendo perturbar de novo a sua harmonia doméstica. Depois da cena no vestíbulo, os seus anfitriões decidiram abandonar a ideia de um jantar formal e retirar-se cedo, provavelmente para brigar em privado. A Susan mais alta levou a Jane uma ceia de tosta de queijo, que ela comeu no quarto das crianças só com os meninos e a criada por companhia.

Através dos seus interrogatórios, Jane descobriu que esta Susan fora batizada Kitty e é a criada do piso superior devido à sua idade e experiência. A sua colega mais jovem chama-se Alice e tem um ressentimento terrível contra Kitty por esta lhe ter roubado a antiguidade quando ela já trabalha para a família há mais tempo. De acordo com Kitty, quando Elizabeth era criança havia uma criada chamada Susan em Goodnestone e desde então a cunhada de Jane achava mais fácil chamar «Susan» a todas as criadas. Antes disto, Jane não tinha muita fé na sua própria capacidade para gerir uma casa grande — mas tem a certeza de que até ela seria capaz de memorizar os nomes de batismo de todos os que dormissem debaixo do seu teto.

Quando Jane localiza o irmão, descobre que ele se trancou no escritório. Girando o puxador confirma que ele rodou a chave para impedir a entrada de intrusos, um ato que seria inconcebível em Steventon. Por mais absorvido que o pai estivesse, nunca impediria a mulher ou qualquer dos filhos de entrar na sua biblioteca.

— Ned? — chama baixinho, sem querer alertar o resto da casa.

— Agora não, Jane. Estou ocupado. — É a sua resposta desabrida.

Como é domingo, ela sabe que ele não pode estar a trabalhar. Até o pai põe de lado os seus livros de contabilidade para observar o *Sabbath*. O irmão está claramente a evitá-la. Sente uma dor por ele. Deve ser uma terrível humilhação ter convidado Jane a partilhar da sua boa fortuna exatamente no momento em que esta se encontra em risco. Neddy não aparece até ao momento de encafiar a família no faetonte e conduzir a pequena distância até Holy Cross, a bonita igreja de pedra na propriedade de Goodnestone. Demoram tanto tempo a assegurar que os cavalos estejam devidamente aparelhados e que Elizabeth se vista e vista os filhos adequadamente para a viagem ventosa, que Jane suspeita de que teria sido mais rápido ir a pé. Como, na verdade, fazem as Susans e o resto dos criados, que chegam antes da família apesar de terem partido depois de eles começarem a entrar para a carruagem.

Ao longo da viagem Jane sente-se desconfortável com a atitude amuada de Neddy. O seu irmão exuberante desapareceu, substituído por um patriarca severo que repreende as crianças por armarem confusão e censura e suspira aos comentários corantes da mulher sobre o risco que uma carruagem aberta representa para a saúde deles.

Assim que entram em Holy Cross, Elizabeth apresenta Jane aos primeiros três baronetes de Goodnestone e às suas mulheres, todos sepultados no jazigo de família. Enquanto o pai de

Elizabeth sobrevivera para desfrutar da sua senilidade, a mãe morrera de repente quinze dias depois do nascimento do seu décimo primeiro filho vivo, presumivelmente satisfeita por ter cumprido a sua parte do acordo e ter conquistado um lugar no Reino do Eterno Repouso. Aqui neste reino, o trabalho de uma mulher, mesmo no leito conjugal, nunca está acabado. Depois de Jane estar sentada no banco da frente por vários embaraçosos minutos, sob o escrutínio da pequena congregação de agricultores e trabalhadores da propriedade, Elizabeth lembra-se de apresentar ao quarto e único vivo baronete, Sir William, e à sua irmã, Henrietta.

— Atravessou a cidade no caminho para cá, menina Austen? — pergunta Sir William. A gravidade da sua atitude e os cabelos prateados nas suas têmporas colocam-no numa geração mais velha do que Elizabeth, enquanto Henrietta, se bem que próxima dos 30 anos, é similar no aspeto e na forma à sua irmã mais nova. Jane atribui a sua relativa conservação à falta de preocupações maternas.

— Não, senhor. Estávamos ansiosos por chegar ao nosso destino, e por isso tomámos as estradas para sul, passando por Croydon. — Ocorre-lhe que, visto Neddy não divulgar mais detalhes sobre a hóspede da Sra. Knight, ela podia sondar a opinião da família da sua mulher quanto a ela. Especialmente porque Elizabeth está ocupada a acalmar os filhos enquanto Neddy, que se posicionou na ponta mais afastada do banco em relação a Jane, está igualmente empenhado, mas em ignorá-los.

— Croydon? — gagueja Sir William, parecendo abalado. — Mas deve ter sido um percurso muito desagradável.

— Recomendaria passar pela cidade? — pergunta Jane. Tem de admitir que ficara desapontada por não terem atravessado Londres. Uma ida ao teatro tê-la-ia alegrado intensamente. Mas, como o pai fizera questão de lhe repetir durante a viagem, os esforços do Parlamento para financiar a guerra, juntamente com as recentes explosões de inquietação civil, tinham tornado

o trajeto perigoso e caro. Parecia rude da parte de Jane queixar-se demasiado sobre a falta de entretenimento quando em toda a parte do Reino da Grã-Bretanha as pessoas se amotinavam por falta de pão.

— Nem pensar. A metrópole deve ser evitada a todo o custo.
— Sir William faz eco do refrão do Sr. Austen.

Jane visualiza o mapa do Sudeste inglês, tentando perceber se teria podido chegar a Kent, vinda do Hampshire, sem passar por Surrey ou Londres. Ela não tivera voto na matéria, claro. O pai e Neddy tinham gerido os pormenores da viagem entre ambos.

— Nesse caso, que percurso recomendaria?

— Nenhum, menina Austen. Recomendaria ficar em casa.

— Oh... — Jane recrimina-se por ter ofendido tanto o baronete que ele preferia que ela não tivesse saído da sua Hampshire natal. Ele não terá utilidade para a sua investigação a menos que possa conquistar-lhe a confiança. A interação de ambos é observada por Henrietta — que fita Jane com os mesmos olhos negros desconfiados de Elizabeth. Henrietta acostumara-se sem dúvida a ser a única irmã solteira da família e, apesar de a sua posição não ser agradável, tem relutância em que lhe seja arrebatada por outra. Não precisa de se preocupar. Jane é capaz de suportar o seu papel de apêndice desnecessário simplesmente porque sabe que é apenas temporário.

— Não compreendo a obsessão dos jovens por andarem sempre de um lado para o outro. — Sir William abana a cabeça. — Eu estava extremamente ansioso por ver o meu irmão mais novo regressar de Oxford em segurança. Agora ele informa-me que planeia passar o verão com um amigo, lá para as Terras Altas escocesas. A acrescentar a isso, a minha mulher decidiu visitar uns parentes em Merseyside. Avisei-a para não ir, que as estradas para Norte estão repletas de perigos e o ar em volta de Liverpool é muito mau, mas não me deu ouvidos.

Henrietta dá uma palmadinha na mão do irmão.

— Ela já deve estar arrependida, William.

— Oh, céus — diz Jane. — Espero que não lhe tenha acontecido nenhuma calamidade.

— Calamidade? — Sir William franze o sobrolho. — Não, escreveu-me a dizer que foi convidada a voltar no próximo ano.

Jane pergunta-se se Lady Bridges está disposta a correr o risco de viajar por saber que o marido está determinado a permanecer em casa. Resolve usar as suas preocupações com a segurança nas estradas inglesas para obter a opinião dele sobre a hóspede da Sra. Knight.

— Na verdade, são tempos perigosos para se estar no estrangeiro, com as insurreições contínuas a destruir a paz nas nossas vilas e cidades, e a Frota ameaçando motins em Spithead e Nore... Mas devo dizer, a Sra. Knight é extraordinariamente generosa em fornecer hospitalidade a uma estranha apenas para lhe poupar a inconveniência de viajar mais. Não concorda?

— Concordo, mas pensar que a princesa foi tão violentamente maltratada... Compreendo porque é que se apiedou dela. Para uma pessoa de categoria ser espoliada do seu estatuto e propriedade é uma afronta à ordem correta das coisas.

Elizabeth inclina-se para a frente no assento, para sussurrar ao irmão — um feito bastante considerável para uma mulher na sua condição.

— Já te disse várias vezes, William. Essa miserável *não* é uma princesa. Não andes por aí a aclamá-la como tal.

Jane inquieta-se. Não sabia que Elizabeth estava a escutá-los e não quer causar uma desordem no banco familiar.

As sobranceiras de Sir William baixam em consternação.

— Mas o Dr. Wilmot insistiu que ela o era.

— Desde quando é que dás ouvidos ao Dr. Wilmot? — Elizabeth tenta sussurrar, mas a sua voz aguda é audível em toda a nave. — Já reduziste a tua ingestão de carne? Nunca te livrarás da gota se não o fizeres.

— Esquece a minha gota. — Sir William agita uma mão, desvalorizando as preocupações dela com a sua saúde. — De que

outra forma justificas que a jovem tenha sido encontrada a vaguear na praia? O Dr. Wilmot contou-me que o navio dela naufragou em Swale.

— É uma ladrazinha astuta, a tentar roubar a herança do Edward. É assim que *eu* justifico — riposta Elizabeth.

— Navio? — pergunta Jane, mais intensamente interessada que nunca. — A princesa esteve envolvida num naufrágio?

— Sim. — Sir William assente com a cabeça. — É um milagre que tenha sobrevivido. Foi forçada a nadar até à margem.

— Claro que não foi. Está a inventar. Tal façanha teria sido impossível. Diz-lhe, Edward.

— Basta! Este não é o momento para conversa fiada — diz Neddy severamente, fazendo Elizabeth ficar tensa e reduzindo o banco ao silêncio.

Embora outros pudessem interpretar a piedade do irmão como natural, em resultado de ter sido criado por um clérigo, o tique no seu queixo revela a Jane o quanto está agitado. Deve ser muito humilhante ter qualquer ameaça à sua posição discutida diante da família da mulher e, dada a dimensão da igreja, audível para toda a congregação. No entanto, para seu desânimo, Jane percebe que a sua simpatia vai para a cunhada. Neddy não resolverá este problema recusando-se a discuti-lo. Enquanto o idoso padre arrasta os pés pela nave, ela baixa a cabeça e reza para que, pelo bem do irmão, possam trabalhar em conjunto para resolver esta confusão antes que as suas perspetivas sofram qualquer dano duradouro.

Chega a segunda-feira e Jane está cada vez mais nervosa por não conseguir falar com o irmão em privado. Se a situação fosse tão inócua como afirma, ele permitir-se-ia dar informações acerca dela, em vez de permanecer num estado de espírito tempestuoso e de se esconder no seu estúdio. Mesmo assim, ela não perde o otimismo, e acredita que terá oportunidade de o interrogar

nessa mesma tarde: Neddy fez preparativos para a escoltar até Godmersham Park. Saber que vai encontrar-se com a Sra. Knight e, muito provavelmente, a sua misteriosa hóspede, imbui Jane de uma paciência invulgar para com os comentários depreciativos de Elizabeth.

Embora Jane não tenha conseguido interrogar Neddy, Elizabeth conseguiu interrogar Jane de todas as formas, a fim de preparar a sua apresentação em sociedade. Jane tenta demonstrar gratidão e não sofrimento enquanto a Sra. Green, a modista da cunhada, faz o melhor que pode para que o vestido descartado de seda amarela toque no chão. Na verdade, é tudo um terrível desperdício de tempo. Jane não vai usar o seu tempo em Kent na busca de um marido. Além de tudo o resto, Cassandra precisará dela em casa. Seria extremamente cruel da parte de Jane abandonar a irmã em favor da sua própria bênção marital quando Cassandra ainda chora a perda do seu amado noivo.

— Agora endireite-se. — A Sra. Green vira a cara de Jane, para que a cunhada a aprecie.

— Espero sinceramente que não ficasse tão feio em mim. — Elizabeth avalia Jane a partir da *chaise-longue* no seu quarto de vestir atravancado. A pequena divisão adjacente ao quarto de dormir de Neddy e Elizabeth está atafalhada de caixas de chapéus e mobiliário coberto de chita. — Receio que essa cor te confira um ar macilento. Vamos antes experimentar o de riscas douradas?

— Mmmf... — responde a Sra. Green com a boca cheia de alfinetes. A pressionada modista mal tem tempo de arranjar cada um dos vestidos antes de Elizabeth encontrar uma razão para objetar.

— Sim, terrivelmente macilenta. E para de te encurvar, Jane. Assim a bainha fica toda torta. Oh, isto não vai resultar. És demasiado alta. Temos de te mandar fazer vestidos novos.

Por muito que Jane prefira escolher os seus próprios vestidos, o pai não vai ficar satisfeito quando lhe apresentarem a conta de

um novo guarda-roupa no fim da sua estadia. Olha para o relógio em cima da pedra da lareira. Só mais uma hora desta tortura antes de ter de estar pronta para partir com Neddy.

— Sinceramente, Beth. Este está bem. Não há necessidade de te dares a tantos incómodos por minha causa.

— Oh, mas há, sim, querida. — Elizabeth empurra uma almofada de encontro ao encosto da *chaise-longue* e recosta-se nela. Com o peso do bebé a pressionar-lhe o centro do corpo, a grávida não consegue ficar confortável. Não se deixou estar sentada em sossego um único momento desde que Jane chegou. A sua condição talvez seja, em parte, culpada da sua terrível disposição. Jane não deve censurá-la por estar tão irritável e deve ser mesmo mais indulgente com os insultos bem-intencionados de Elizabeth. Afinal, a estação vai demasiado quente para alojar outra criatura dentro de si.

Encolhe a cintura fina para a fita métrica da Sra. Green.

— Mas posso usar o que trouxe de Steventon.

— Não, Jane, garanto-te que não podes.

Por outro lado, talvez a cunhada seja extremamente desagradável por natureza. Felizmente, Jane é impedida de responder a esta última desfeita por Kitty, que levanta o vestido rejeitado por cima da sua cabeça antes de ela poder falar. A Sra. Green estende-lhe o vestido de riscas douradas e juntas encafuam-na no corpete decotado.

— Esse é melhor. Quase fica bem, e podemos acrescentar um folho à bainha. — Elizabeth desencosta-se até ficar sentada. — Podias ser bastante elegante, se te dedicasses a isso.

— Bem, que graciosa és. — Jane tenta fazer uma vénia, mas a Sra. Green agarra-a pelos ombros e empurra-os rispidamente para trás.

— Não tens de quê. Como disse, não é mais do que eu faria por qualquer das minhas irmãs. E se conseguirmos estabelecer-te bem, serás menos um escoadouro para os nossos recursos. Quando chegar o momento.

As palavras de Elizabeth extinguem o sorriso do rosto de Jane como se ela lhe tivesse batido. Provavelmente, o «momento» a que se refere é quando o Sr. Austen entregar a alma ao Criador. Fecha os olhos, tentando conter a ira pela facilidade com que Elizabeth consigna o pai ao túmulo. Ele pode ser idoso mas, ao contrário da Sra. Austen, teve sempre uma saúde robusta. Decerto que não se queixa muito. Podem passar muitos anos antes de Jane ter de enfrentar a eventualidade da sua morte, e alguma coisa pode acontecer para melhorar as suas circunstâncias antes disso. Ela sabe que um dia acabará por ter de casar; não seria justo esperar viver às custas do pai ou dos irmãos para sempre, especialmente agora que o futuro do próprio Neddy parece longe de estar assegurado. Mas sendo ainda tão nova, e tendo a sua escrita para a ocupar, manda a prudência que não se apresse. Se aguardar tempo suficiente, Tom até pode chegar a uma posição em que possa casar com ela sem a aprovação da família.

Ou Jane pode encontrar outros meios, diferentes do casamento, para se sustentar. Diz-se que Thomas Cadell pagou a Frances Burney um milhar de libras para publicar o seu último livro e ela obteve uma quantia igual dos seus subscritores, entre os quais Jane se encontra, orgulhosamente. Diz-se que a empreendedora autora comprou um chalé em Surrey com os rendimentos e lhe deu o nome da sua epónima heroína, Camilla. Se se aplicar, Jane acredita que pode escrever algo digno de publicação. Apesar do desígnio da Sra. Austen e de Elizabeth para que ela se case entre a elite de Kent, Jane suspeita de que será mais feliz num humilde chalé no campo, com tempo para ler e escrever todo o dia, e na companhia de alguém que verdadeiramente ame. Contudo, não é tão tola que admita perante Elizabeth a sua indulgência nessas bizarras fantasias.

— Porque não me contas tudo o que sabes acerca da situação com a hóspede da Sra. Knight, já que vou visitá-la esta tarde? — pergunta ela, tentando que a atenção da cunhada se afaste o mais possível dela. — Tudo o que tenho ouvido só me deixou mais perplexa.

— Estás perplexa? A única coisa que obtenho são disparates confusos do Edward e recados apaziguadores da grande senhora — responde Elizabeth. — Quero que caias nas graças dela e determines exatamente o que se passa. Tu és a minha emissária, Jane.

— Sou?

— És. — Elizabeth lança um olhar desconfiado a Jane, como se ela própria estivesse incrédula por lhe confiar uma tarefa tão importante. — Lembra-te de como tiraste o Georgy daquele sari-lho com o colar.

— Acho que o fiz... — diz Jane, enquanto a Sra. Green e Kitty a despem. — Mas tinha de o fazer. A vida do Georgy estava em jogo e o Henry ajudou-me. — Tinham passado 18 meses desde que o seu irmão Georgy fora acusado de roubar o colar de uma mulher assassinada. Fora um momento horrível para todos os Austens, que raramente o mencionavam, na esperança de rapidamente o esquecerem.

Elizabeth suspira.

— É tudo por hoje, Sra. Green, obrigada. Já tem as medidas dela. Compraremos alguns tecidos novos e enviamos-lhos. Entretanto, faça o que puder com o das riscas.

Enquanto Kitty acompanha a Sra. Green à porta, Jane põe-se a andar pela pequena divisão à procura do seu vestido, que não está em lado nenhum. Receia que a modista o tenha levado por engano.

— A verdade, Jane, é que és a minha última esperança. Preciso que descubras uma prova de que a rapariga está a mentir. Ela não pode ser uma *princesa*. Toda esta história é ridícula.

— Partilhaste as tuas inquietações com a Sra. Knight? — Jane pousa uma mão no peito exposto, com os braços em pele de galinha.

— Escrevi-lhe, sim, mas é demasiado fácil para ela ludibriar-me por escrito. Desde que o Sr. Knight faleceu, quase não sai de Godmersham, e eu não posso propriamente andar por aí a fazer interrogatórios neste estado. — Elizabeth aponta para a barriga

distendida. — Hesito em fazer longas viagens de carruagem, não vá o movimento fazer nascer o bebé. Não quero entrar em trabalho de parto à beira da estrada, como um animal.

— Receias que o bebé chegue mais cedo? — Uma gravidez preocupante explicaria porque é que as relações entre Neddy e Elizabeth estavam tão tensas. Nesse caso, porque é que a Providência entregara a Jane o cuidado de Elizabeth? Esta teria uma parteira, claro, e possivelmente um médico disponível para o momento do parto — mas, enquanto parente designada para a assistir, é missão de Jane garantir que ela seja bem cuidada durante este período arriscado. Ela devia transferir essa responsabilidade para Henrietta. Na verdade, Jane ficara surpreendida ao saber que Elizabeth a escolhera como acompanhante em detrimento da irmã, mas supõe que Sir William não poderá sobreviver apenas com o seu séquito de criados a assisti-lo enquanto Lady Bridges estiver fora.

— Não, tenho a certeza de que isso não vai acontecer. — Elizabeth franze a testa. — Mas tenho tido umas pontadas; um aperto, como se o trabalho de parto estivesse prestes a começar, mas depois, felizmente, não acontece mais nada.

— Deves consultar o teu médico imediatamente. — Jane avista o seu vestido de chita, atirado para cima de um escabelo e confundindo-se com uma almofada. Enfia-o pela cabeça e ajeita o corpete. Apesar da sua inexperiência, até ela sabe que o bebé precisa do seu tempo para se desenvolver antes de iniciar a sua descida para o mundo. A própria Jane chegou um mês inteiro depois da data em que os pais a esperavam. A Sra. Austen queixa-se frequentemente de que ela continuou a defraudar as suas expectativas desde então.

— Ainda não. Deve ser esta situação com a Sra. Knight que está a abalar-me. E este é o meu quarto parto. Como descobrirás, carregar um bebé até ao termo torna-se mais difícil a cada vez, não mais fácil. Sou alguns anos mais velha do que quando tive a Fanny e acredita, Jane, sinto cada um desses anos.

O nascimento de crianças é uma das poucas experiências em relação às quais Jane não tem desejo de satisfazer a sua curiosidade em primeira mão. Consegue perceber o quão esgotante deve ser para Elizabeth pelas olheiras e pela expressão permanentemente tensa no seu rosto.

— Deves dizer ao Neddy. Pede-lhe que chame o médico, por via das dúvidas.

— Não, Jane. E também não te atrevas a dizer-lhe. O Dr. Wilmot insistiria em repouso absoluto, e eu não teria poder para objetar. Enlouqueceria, engaiolada aqui todo o dia, sem nada que fazer a não ser atormentar-me com as minhas preocupações. Além disso, não quero que o Neddy se preocupe comigo quando devia estar a colocar toda a sua energia em tirar aquela meretriz da vida da mãe. Agora, antes que ela cause mais prejuízos às suas perspetivas.

— Beth, acalma-te. — Jane senta-se ao lado de Elizabeth, cobrindo-lhe a mão com a sua.

— És a única outra pessoa em quem posso confiar para colocar os interesses do Neddy acima de tudo o resto. Tens de expor aquela galdéria mentirosa e batoteira.

— Farei o que puder, prometo. Tudo por ti e pelo Neddy.

— Não é justo para nós, Jane. Terei de ser ainda mais clara? Se o Neddy for deserdado, as tuas próprias perspetivas também serão arruinadas. Quem é que pensas que casará contigo, nesse caso?

Jane recua, mas é impossível não se sentir humilhada com a verdade das palavras de Elizabeth. Sem a fortuna antecipada de Neddy para sustentar a família, os seus pais ficarão numa situação financeira muito pior. Não é apenas o futuro de Georgy que fica em risco. Jane terá de renunciar a consagrar mais anos à sua escrita enquanto espera que Tom encontre o caminho de volta para junto dela. Será obrigada a aceitar o primeiro homem que peça a sua mão. Se existir um. E a pobre Cassandra? Como poderá suportar comprometer-se com outro, tão pouco tempo depois

de perder o Sr. Fowle? Poderão passar anos antes de a amada irmã de Jane estar preparada para contemplar o casamento com outra pessoa.

— Tens razão, Beth. Farei o que for possível para a expulsar, prometo.

— Boa menina. — Elizabeth aperta com força a mão de Jane.
— Sabia que podia confiar em ti.

1. *Para Cassandra Austen*

Rowling Farm, segunda-feira, 12 de junho de 1797

Minha querida Cassandra,

Para grande desapontamento da tua sobrinha e sobrinhos, estou seguramente encafuada em Kent. Até agora, por mais tempo que tenha passado no quarto das crianças a jogar pauzinhos, isso não se revelou suficiente para compensar ser a «tia errada». A mãe deles também não está mais deleitada por me ver. Uma das Susans diz que não devo levar isso a peito, porque a sua patroa vive continuamente insatisfeita com todos os membros da sua casa, enquanto a outra teme que a condição de Beth seja responsável pelo seu mau feitio. Deixo-te adivinhar com qual das Susans estou inclinada a concordar. O que são ainda piores notícias, não sou a única intrusa no Jardim de Inglaterra. A Sra. Knight alojou uma princesa estrangeira metida em aflições. Ainda não conheci a jovem, mas desconfio que esta estará ainda menos à vontade do que eu entre tão venerável sociedade. Nada temas, estou decidida a que ambas retornemos rapidamente às nossas posições naturais.

*Sempre tua,
J.A.*

PS. Lamento informar-te que não me chegaram quaisquer cartas tuas. Só posso supor que foram atingidas por qualquer calamidade, pois sei que não passarias tanto tempo sem escrever à tua fiel irmã.

Deixaste as tuas cartas em algum sítio onde os cães do James as encontrassem? São uma matilha esfomeada, mas creio que nem eles podem estar mais famintos do que eu por algum sinal da tua afeição. Por favor, verifica e retifica este assunto imediatamente.

Menina Austen

Residência do Rev. Sr. Austen

Deane,

Hants.



*Sensibilidade, bom senso
e uma herança em perigo.*

Godmersham Park, Inglaterra, 1797. Depois de muitos anos afastados, Jane Austen está pronta para passar o verão com o seu irmão, Neddy. Sendo ele herdeiro da fortuna da abastada Sra. Knight, é imperativo que as relações de Neddy com esta se mantenham irrepreensíveis. Ao chegar, Jane apercebe-se, todavia, de que o irmão necessita de ajuda, pois a Sra. Knight vive com uma enigmática princesa estrangeira chamada Eleanor, resgatada numa praia após um naufrágio, e que ameaça conseguir tomar para si toda a herança.

Jane terá de desvendar a verdadeira história dessa misteriosa hóspede para proteger o futuro da sua família. O rumo dos acontecimentos, porém, dá uma reviravolta inesperada quando Jane descobre uma série de cartas a ameaçar Eleanor. O perigo parece estar à espreita, dentro e fora das paredes de Godmersham Park. Será Eleanor, afinal, uma pessoa de confiança? E conseguirá Jane resolver o mistério antes que o perigo os ameace a todos?

Depois do sucesso de *Jane Austen Investiga*, Jessica Bull traz-nos de volta ao mundo da intrépida detetive amadora com uma trama cativante, surpreendente e impossível de largar.

Leia também:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-928-5



9 789895 839285